



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia alusiva à visita às instalações da fábrica de celulose branqueada de eucalipto da Fibria/Votorantim e da fábrica da International Paper do Brasil**

**Três Lagoas-MS, 19 de fevereiro de 2010**

**Jornalista:** PT e o PMDB aqui, no estado, como seria isso aqui? (incompreensível).

**Jornalista:** Sucessão presidencial.

**Presidente:** Olha, olha, primeiro, nós estamos numa fase de construção da aliança definitiva com o PMDB. Em nível nacional, nós já temos aliança praticamente concretizada, e obviamente que nós temos problemas em alguns estados, nós temos problemas no Rio Grande do Sul, nós temos problemas no Mato Grosso do Sul, nós temos problemas em Pernambuco, nós temos problemas em Santa Catarina. Ora, a gente resolver o problema nacional, depois nós vamos tentar resolver os problemas regionais.

Se em algum estado não tiver possibilidade de a gente construir aliança política, o que vai acontecer é que o presidente da República não participa da campanha daquele estado. É isso que vai acontecer, porque eu não acredito muito na história de dois palanques, ou seja, não é possível que uma pessoa possa vir a um estado e fazer um palanque aqui e outro palanque ali. Ou seja, não tem...

**Jornalista:** O senhor participaria de forma alguma? De forma alguma?

**Presidente:** Veja... Hein? Não, até porque o Puccinelli é um político experiente,



ele sabe que isso está numa tratativa entre o PT e o PMDB, que têm conversado muito. E nós temos um mês e meio pela frente até você vencer a data-limite do afastamento das pessoas que querem ser candidatas e a data da convenção partidária.

Até lá, eu acho que nós precisamos garantir que as direções dos partidos, seja a direção nacional, seja a direção regional, gastem os argumentos que tiverem que gastar para que a gente possa fazer essa aliança política.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Lógico. Lógico que...

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Não, veja, aí só a Advocacia-Geral da União é que recebe, é o meu advogado, ou seja, quando ele preparar estará a resposta lá, porque é a contribuição que nós queremos dar para o processo.

**Jornalista:** Presidente, o senhor desembarcou com o prefeito (incompreensível), que é do PMDB, o senhor encontrou o ex-governador Zeca do PT, está ao lado do governador André Puccinelli. O senhor, querendo ou não, está (incompreensível)

**Presidente:** Pois é. Mas você acha estranho que um presidente da República esteja andando com o prefeito de um partido e com o governador de outro, com um ex-governador? Veja, o presidente da República, no exercício da sua função e no cumprimento das suas funções institucionais, ele não tem partido, ele não tem amigos e inimigos, ou seja, ele trata as sua relação institucional com todo mundo, da forma mais republicana possível. Acabou o tempo da



mesquinha política, em que um governador, por ser de um partido político, ia numa cidade, não se encontrava com o prefeito porque pertencia a outro partido político. Que o presidente da República ia num estado, não ia visitar o governador ou não conversava com o prefeito porque pertencia a outro partido político. Esse comportamento levou o Brasil a um atraso quase que secular. E se a gente quiser mudar o Brasil nós temos que continuar fazendo o que estamos fazendo. Eu duvido que tenha um prefeito no Brasil, um governador no Brasil, de qualquer partido que seja, que possa dizer que um dia ele foi tratado diferente. Porque não é essa a minha postura e eu acho que o Brasil só ganha com isso.

Quando os entes federados trabalham juntos, o resultado é extremamente positivo para o povo. Quando a gente permite que a pequenez política prevaleça nas nossas relações, o prejuízo é do povo. Vocês vão ver na história do Brasil investimentos que deixaram de ir para um estado porque um senador não deixou que o presidente autorizasse, vocês vão ver investimentos que não foram para uma cidade porque o deputado foi lá brigar para o ministro não liberar o dinheiro... Isso no meu governo acabou. Eu não quero saber a que partido pertence o prefeito ou a prefeita, que time torce, que religião eles frequentam. Eu quero saber o seguinte: tem um problema, tem o dinheiro e tem a necessidade do povo? Nós vamos atender, independentemente de quem quer que seja. É isso que fez o País chegar onde chegou – crescer, se desenvolver e distribuir renda.

**Jornalista:** (Incompreensível).

**Presidente:** Deixa eu fazer... Faça de conta que eu sou o presidente do sindicato aqui de vocês. Não, é porque tem meia dúzia aqui na frente gritando e tem uma massa de proletários da imprensa ali atrás querendo fazer pergunta



e que não consegue perguntar. Então, vamos fazer uma da frente e outra de trás para eu poder ir embora.

**Jornalista:** O ex-governador (incompreensível) atribui ao senhor todas essas obras que o estado vem recebendo. O governador (incompreensível) até deixou bem claro que o governador do Mato Grosso do Sul tem sido o presidente Lula, em público. O senhor chama a atenção dele, por conta desse (incompreensível)?

**Presidente:** Olha, eu já ouvi isso foi do Puccinelli. Eu já ouvi a imprensa do Mato Grosso do Sul acusar o Puccinelli de que ele não governava o estado, quem governava era o governo. E em um ato público em Campo Grande o Puccinelli disse textualmente: “Olha, se essa é a acusação, que venha mais obra para o estado”. Não foi o Zeca do PT, a imprensa deste estado é que, em um determinado momento, acusou o Puccinelli de que ele não governava, quem governava era o governo federal. Só para repor as coisas a seu lugar.

Gente, gente, vamos deixar, vamos deixar...

**Jornalista:** (Incompreensível) a valorização da Telebrás, as ações da Telebrás em seu governo foram excessivas, baseadas em informações que saíram de dentro do governo? Qual a sua avaliação, Presidente?

**Presidente:** Olha, primeiro não saiu informação de dentro do governo. No meu governo as ações de todas as empresas cresceram. Se o jornal que você trabalha, se o jornal que você trabalha tiver ações na bolsa, pode ficar certa de que ela cresceu muito também. Ou seja, cresceu...Se a CVM entende que houve o vazamento e por isso alguém foi privilegiado aí cabe a investigação.

**Jornalista:** O senhor não acha...



**Presidente:** Cabe a investigação.

**Jornalista:** ...o senhor tinha uma companhia ... que está inativa

**Presidente:** Não, veja. Primeiro se ela cresceu 35% para mim é novidade. Agora que ela vai crescer, vai. Porque nós vamos recuperar a Telebrás.

**Jornalista:** Presidente... como?

**Presidente:** ...porque nós vamos utilizar ela para fazer banda larga nesse país.

**Jornalista:** Presidente, o senhor trabalha com a hipótese de pedir para o Zeca...

**Presidente:** Eu não trabalho com hipóteses, minha filha, eu trabalho com fatos. Na hora em que os partidos consagrarem a aliança política é a posição do Presidente. A última pergunta, vamos lá.

**Jornalista:** (incompreensível) ... o senhor disse para o governador Paulo Octávio continuar no cargo?

**Presidente:** Não. Até porque, até porque ele não atribuiu, ele fez uma nota desmentindo. O problema é que quando vocês estabelecem uma tese, vocês não querem mudar. Ele fez uma nota ontem à noite dizendo a única coisa que eu disse para ele, sabe. Que o governo federal não podia tomar nenhuma decisão enquanto a Suprema Corte não decidisse o que vai acontecer com Brasília. Até porque é essa a lógica, a Suprema Corte é que está com a autoridade de daqui a dez, quinze ou vinte dias, de dizer o seguinte: vai ter



intervenção ou não vai ter, se vai ser só no governo do Distrito Federal, se vai ser no Poder Legislativo. É só a Suprema Corte que pode decidir. Por conta disso, o Presidente da República não pode dar palpites. Apenas por isso, apenas por isso.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Veja, não me pergunte sobre hipóteses que eu não vou discutir sobre hipóteses. Essa coisa, essa coisa... vai depender da Suprema Corte. Veja, a necessidade ou não da intervenção é a Suprema Corte quem decide. Nessa situação em que o processo espera a Suprema Corte não existe vontade pessoal do Presidente da República. E se ele não der palpite é melhor ainda.

**Jornalista:** (incompreensível)

\_\_\_\_\_: ...aquela moça bonita, lá, aquela baixinha, aquela moça bonita. Moça, pergunta!

**Jornalista:** Presidente, porque só depois de um ano que a fábrica de celulose está funcionando no estado o senhor resolveu inaugurá-la somente agora? É uma estratégia política?

**Presidente:** Meu amor, eu não vim inaugurá-la... Mas essa pergunta está ultrapassada. Deixa eu dizer uma coisa. Primeiro, a inauguração poderia ser feita em qualquer momento, ou seja, a inauguração é um ato formal que você pode inaugurar até dez anos depois de uma coisa funcionando. Você vai lá, a visita de um presidente, faz uma placa e está inaugurada a empresa.



**Jornalista:** ...e em relação a Dilma...(incompreensível).

**Presidente:** Só um minutinho. Você fez uma pergunta, deixa eu responder a pergunta, meu amor, senão vai ser ruim para você, você fez uma pergunta e não me deixou responder. E você não vai publicar só a pergunta, vai? Então, não faça duas perguntas, faça uma só e deixa eu responder com tranquilidade.

Então, veja, eu queria vir a Três Lagoas para visitar essa fábrica há muito tempo. Não pude vir aqui na inauguração. Eu recebi, faz uns 20 dias, a direção, o Grupo Votorantim, que pediu para que eu viesse fazer uma visita à empresa. E eu, então, resolvi vir fazer a visita à empresa que eu não pude vir nem no lançamento da pedra fundamental e que eu não pude vir nem na inauguração.

E você ouviu da boca do dono da empresa, do Carlos Ermírio de Moraes, o que você ouviu? Que no auge da crise econômica, essa empresa só pôde ser construída porque, quando não tinha crédito em lugar nenhum do mundo, o BNDES financiou a construção da empresa. Portanto, o governo federal tem muito a ver com a construção dessa empresa. E, por isso, eu estou aqui.

**Jornalista:** E em relação (incompreensível) está sendo acusado de praticar... antecipar a campanha eleitoral da Dilma (incompreensível).

**Presidente:** Quem disse isso?

**Jornalista:** Está publicado no G1 de ontem (incompreensível) DEM, o PSDB e o PL...

**Jornalista:** É acusação da oposição.

**Presidente:** Ah, gente, mas veja...



\_\_\_\_\_: Se o presidente e o governador não puderem andar no período eleitoral, o Brasil pára.

**Presidente:** Hein? Deixa eu falar uma coisa para vocês...

**Jornalista:** (incompreensível) o Fernando Henrique (incompreensível), o senhor acha que o Serra pode medrar?

**Presidente:** Deixa eu falar uma coisa para vocês, olhem. Primeiro, o povo brasileiro sabe: se, em algum momento da história, os presidentes da República não viajavam porque não tinha obra para inaugurar, problema deles. Eu tenho muita obra, e vou continuar andando o Brasil até o dia 31 de dezembro de 2010, quando eu termino o meu mandato, ou seja, vou visitar. Obviamente que os governadores que forem candidatos não vão poder estar junto comigo no palanque, não vão poder estar. Quem for candidato a deputado não vai poder estar. Mas eu vou continuar andando, porque...

**Jornalista:** Me dá uma data, para o anúncio (incompreensível).

**Presidente:** Não, não posso. Sabe por que, querido? Eu não posso dar porque, você imagina, a Petrobras é uma empresa que tem ações na Bolsa de Nova Iorque. A Petrobras tem um conselho que envolve gente muito importante. Você imagina se um presidente da República, que não é diretor da Petrobras, que não é do Conselho, vai dar um palpite aqui, quando é que vem. Seria, da minha parte, muita petulância e uma demonstração de ignorância que eu não quero dar ao povo do Mato Grosso do Sul.

Companheiros, saudações corinthianas para vocês.





Presidência da República  
Secretaria de Imprensa

---

**Entrevista do Presidente da República**

---

(\$31EGJLP)